

# Gaza

p. 22-23 (spread)  
p. 24-27

T. (346) 22/5/77

## IMAGENS DE UMA VIDA QUE NASCE

Vista parcial da Aldeia Comunal «III Congresso». No distrito de Chibuto há dois meses havia três aldeias. Hoje, há treze.



A velha Makangaze. «É muito bom. Dantes só dançávamos quando tínhamos casamento, ou quando tínhamos festa grande. Agora sempre há muita gente e podemos fazer festas».

### Pelo nosso enviado

Estivemos de novo em Gaza. Três meses após as fortes cheias que provocaram perdas de vidas e prejuízos enormes, a situação do vale do Limpopo parece voltar à normalidade. Só que desta vez, este ano, a «normalidade» não chegou com o rio voltando ao seu leito normal, as pessoas regressando às suas casas destruídas, as culturas reaparecendo verdes por cima da terra negra.

Torna-se quase desnecessário descrever a «normalidade» deste ano, pois ela já foi descrita e exposta muitas vezes: as pessoas deixaram de viver no vale embora o rio tenha já voltado ao seu leito normal.

As futuras aldeias comunais despontam agora em volta do vale como que provocando as leis da geografia e a história de muitas das nossas cidades — não será aqui que a cantina dará lugar à cidade (1).

Contudo, ao voltarmos de novo a Gaza — agora transformada em quase centro piloto de Aldeias Comunais, cooperativas e marchambas estatais — carregamos



*Pequenos pormenores como este que a foto documenta (uma criança plantando mangueiras) provam a estabilização da vida dos camponeses nas Aldeias Comuns.*



*Dois tractores de uma cooperativa de camponeses da Aldeia Comunal «Hoyo Hoyo» (alguns ainda não vivem lá) preparando as terras. Contudo, nem em todas as Aldeias Comuns as cooperativas de produção estão organizadas devido a estar-se a meio do ano agrícola.*

uma interrogação demasiado comprometedora. Há cerca de duas semanas, ao falarmos com uma pessoa proveniente da Beira (1) tinha-nos sido perguntado se era verdade que muitas famílias estavam a abandonar as aldeias comunais para irem de novo viver no vale junto ao rio. Esta questão, que contradizia as conclusões tomadas pelos Grupos Dinamizadores de Gaza (2) veio depois a ser colocada de novo por outras pessoas.

Estivemos em Xai-Xai, Chibuto e Chokwé. No entanto a questão atrás mencionada referia-se mais concretamente ao distrito de Chibuto.

Ao descermos a ponte sobre o rio Limpopo em Chibuto, umas centenas de metros mais adiante, depois de termos deixado para trás muitos quilómetros de estrada de terra batida (agora seca e poeirenta) rodeada por sementeira de arroz, milho, feijão e batata que enverdeceram completamente o vale, deparamos com a futura Aldeia Comunal «III Congresso» na encosta do vale. Já na subida da encosta para Chibuto (capital do distrito do mesmo nome) vimos que esta vila se encontra agora ligada às aldeias «25 de Junho» e «III Congresso», o que lhe dá uma extensão de talvez uma dezena de quilómetros. Porém a interrogação que carregávamos não havia sido respondida, antes pelo contrário: vimos no caminho que percorremos algumas casas do vale reocupadas.

Num pequeno encontro que tivemos com o Administrador de Chibuto poucos minutos após a nossa chegada espontaneamente surgiu a resposta à nossa interrogação. Disse-nos o Administrador que se havia levantado essa questão, mas que ela não correspondia à realidade pois que enquanto há dois meses atrás existiam três aldeias comunais «hoje já temos 13»!!!

Na mesma tarde visitámos as aldeias «III Congresso» e «25 de Junho», e no dia seguinte as «Hoyo Hoyo», «Macontene», «Eduardo Mondlane» e duas outras.

A Aldeia Comunal «III Congresso» já está completa. Mil famílias vivem lá o que significa que exist

já quatro bairros completos (cada bairro tem 250 casas). Elias Cossa um camponês de 40 anos, ex-mineiro, que vive no Bairro «A» desta aldeia foi a primeira pessoa a dizer-nos que «não conheço ninguém que saiu daqui. Até há muita gente que eu conheço que já não pode vir aqui porque o lugar está todo cheio». Em outras aldeias como a de «Macontene» e «25 de Junho» está-se agora a construir as últimas casas do último bairro, enquanto em outras, já há três bairros. Algumas foram iniciadas há apenas algumas semanas pelo que ainda não têm um número elevado de constru-

va vida que tinha pelas seguintes palavras: «É muito bom. Dantes só dançávamos quando tínhamos casamento, ou quando havia uma festa grande. Agora sempre há muita gente e podemos fazer festa. A gente pode dançar agora porque gosta de dançar».

A velha Makangaze fez-nos ver um aspecto novo, ou então, chamou-nos a atenção para este aspecto sob uma nova forma. É que a Aldeia Comunal trouxe para os camponeses que agora ali vivem, não só a oportunidade de se ajudarem vivendo juntos, mas ainda a possibilidade de através da dança ou da cultura criarem e de-

depois, e a curto prazo, consolidadas e reforçadas quando produzirem juntas, quando transportarem esta experiência nova que agora têm para a produção.

Por exemplo, quando conversámos com Elias Cossa ele cumprimentou três crianças que passavam na rua—já há ruas limpas na aldeia. Nós perguntámos-lhe o que ele fazia quando era criança, quando tinha idade daquelas crianças que acabavam de passar. «Eu era guardador de gado. Só quando fiz vinte anos é que fui para as minas».

—«Mas não foi à escola?»

—«Eu fui, mas só acabei a segunda».

Perguntámos em seguida a Alfredo Massingue, uma das três crianças de que acabamos de falar, e que tem oito anos, se ele ia à escola. A resposta foi positiva. Soubemos que entrou para a escola o ano passado e que agora frequenta a escola da Aldeia Comunal, embora estivesse em férias. O pequeno Alfredo não nos soube responder o que o seu pai fazia quando tinha a sua idade, mas Cossa que é seu vizinho disse-lhe: «Ahh... era guardador. Naquela altura a gente não ia à escola. Eramos guardadores de cabritos ou bois».

Voltemos entretanto à questão que colocámos no início, e que se tratava da interrogação sobre se realmente há, ou não há, camponeses descontentes com as aldeias comunais e que estão a regressar ao vale.

A resposta é negativa. Mas não basta dizer que não estão a regressar, não nos basta dizer que vimos que não é assim. Dizemos que não corresponde à realidade por várias razões. Primeiro porque há três meses havia três aldeias comunais enquanto hoje existem treze — algumas delas já com mil famílias. Segundo porque encontrámos as pessoas com uma vida estabilizada em todas as aldeias que visitamos — casas de alvenaria, e em Chokwé vimos famílias que se deslocavam diariamente mais de dez quilómetros para irem construir as suas casas nas Aldeias. Por fim, podemos dar a imagem e o exemplo de uma criança em férias que plantava mangueiras no quintal da casa dos seus pais. Pensamos que se



Em Chokwé duas mulheres procedem à plantação de tomateiros. Em muitas aldeias comunais as creches estão em fase de construção, devendo a de «III Congresso» começar a funcionar este mês.

ções. Saliente-se ainda que já se encontram bastantes casas de alvenaria nestas aldeias, quer no Distrito de Chibuto como no Xai-Xai.

Antes de encontrarmos Elias Cossa tínhamos passado por um grupo de homens, mulheres e jovens que dançavam Makwaela. Dançavam enquanto uma quantidade de crianças e outros residentes assistiam sentados, ora conversando, ora aplaudindo ou rindo-se da letra da canção. A velha Makangaze, que estava sentada numa esteira debaixo de uma árvore apanhando, segundo nos disse, «*ar fresco*», referiu-se à no-

envolverem novas relações entre si, criarem um «*passatempo*» que lhes era vedado pela limitação de viverem dispersas. Ontem dançava-se nos casamentos, nas festas grandes. Hoje dança-se ao fim da tarde de cada dia, ao fim de um dia de trabalho no campo.

Estes pequenos pormenores quase insignificantes para os aldeões da «III Congresso» reflectem já o aparecimento de novas relações entre as pessoas pela convivência que lhes é garantida na Aldeia Comunal em conhecerem e viverem os grandes problemas que os afectam conversando e discutindo. Estas relações serão



*Início do corte do arroz no Limpopo. A par do problema da organização da produção o problema do abastecimento e aquele que mais preocupa agora as populações. Várias cooperativas de consumo estão já em fase de organização.*

uma pessoa não quer ficar num sítio, não está com a preocupação de arranjar sombras para a sua casa — e diga-se que vimos várias dezenas de árvores de fruto plantadas há pouco tempo nestas futuras cidades que surgem.

Resta pois colocar a resposta para o facto de algumas dezenas de famílias ainda estarem a viver no vale. Na sua grande parte, segundo pudemos verificar, trata-se de famílias com casas que sendo de alvenaria resistiram às cheias. Ora, acontece que estas pessoas embora estando dispostas a irer viver na Aldeia Comunal, querem arranjar forma de construirem a sua casa na Aldeia aproveitando o máximo material das casas que estão no vale.

De outro lado existem outros dois problemas. Famílias que querem ir viver na Aldeia mais próxima, mas que já está cheia, ou então pessoas que estão muito longe das aldeias e que indo para lá ficam distanciadas em muitos quilómetros dos seus locais de produção. São pois problemas que têm de ser estudados, e ajudados a solucionar pelas estruturas do Partido e Governo.

A acrescentar a estes casos, há o da «*minoría renitente*». Esta minoría renitente, como lhes cha-

mam, é constituída por pessoas mal esclarecidas, ou por pessoas que efectivamente se opõem abertamente a qualquer forma de vida organizada em moldes colectivos. Contaram-nos o caso de um pequeno latifundiário cuja casa ficava naturalmente dentro dos limites da futura Aldeia Comunal de Macontene. Ele, poucas semanas após a construção das primeiras casas naquela aldeia retirou-se de lá dizendo «*vou viver para um sítio onde as aldeias comunais não cheguem*». Hoje, as pessoas de Macontene ao falarem e contarem este caso comentam: *mas ele pensa que vai durar muitos anos até a Aldeia Comunal chegar a todo o sítio*».

Poderá também colocar-se uma outra questão. Se, ao juntarem-se pessoas que sempre viveram dispersas não poderão vir daí a resultar problemas e choques entre, por exemplo, vizinhos. «*Não conheço nenhum problema aqui entre vizinhos. Nem roubos, nem o quê ...*» como nos afirmou Cançado Makungue. Prosseguindo ele acrescentou: «*a gente já conhece a todos, não há problema*».

## ABASTECIMENTO E PRODUÇÃO

Os grandes problemas que agora se colocam em todas as Aldeias Comunais dos distritos que envolvem o vale do Limpopo dizem respeito à organização do modo de produção, e ao problema do abastecimento em géneros de primeira necessidade.

Encontramos o problema do professor resolvido em todas as aldeias. Em algumas já há escola construída ou em construção. Também em muitas aldeias o problema de libertar as mães dos seus filhos para a produção através da criação de creches, já se encontra a receber solução — na aldeia «III Congresso» a creche já vai em fase adiantada e ainda este mês deve entrar em funcionamento.

Contudo, o problema do abastecimento é quanto a nós, e pela forma como a ele se referiram os camponeses, aquele que mais os afecta de momento. Como prova disso o facto de tanto no Chokwé como em Chibuto, ou mesmo em Gaza, existirem já centenas (talvez milhares esteja mais próximo da realidade) de inscrições para membros das cooperativas de consumo com as suas



«jóias» (entradas em dinheiro para abertura da cooperativa e criação de fundo de compra) já pagas. Em algumas aldeias as instalações das cooperativas de consumo já estão a ser construídas havendo o caso da aldeia «25 de Junho» onde praticamente só falta concluir a casa e virem os produtos, para que a cooperativa comece a sua vida. No distrito de Chokwé o nível de inscrições é também bastante elevado devendo abrir este mês a primeira cooperativa de consumo em Lionde—um elemento do Partido disse-nos que quando fazem reuniões para mobilização sobre as cooperativas de consumo, elas nunca acabam sem que no fim não haja umas dezenas de inscrições já pagas.

Soubemos entretanto que ao nível provincial e distrital, assim como a própria Comissão para Vale do Limpopo se encontram envolvidas no caminho para solucionar este problema. Ele será resolvido com a criação de um armazém central na cidade de Chokwé—que já existe e que para alguns produtos como sabão o milho já vem funcionando—e depois armazéns ao nível das restantes capitais de Distrito que abastecerão directamente as Aldeias Comuns. A ligação entre o armazém central e distritos será feita com a chegada de dois camiões que transportarão os produtos, enquanto o armazém central do Chokwé estará ligado a Mapu-

(1) Lourenço Marques, Chimoio, Maxixe e muitas outras cidades moçambicanas nasceram a partir de uma cantina, a partir de um centro comercial.

(2) Ver nossa edição número 338, artigo sob o título «transformar a dor em força organizada».

(3) Brevemente apresentaremos um novo trabalho onde este assunto será trabalhado. Chamamos no entanto a atenção para os trabalhos «colectivização do vale do Limpopo» e «enterrar a miséria» publicado no nosso número 342.

to por transportes ferroviários. As Lojas do Povo (como instituição) é que se encarregarão de pôr em prática este processo como ainda têm como tarefa de abrir o mais rapidamente possível suas sucursais ao nível de todos os distritos—conforme o indicava o relatório do Comité Central da FRELIMO no III Congresso.

Para já as populações camponesas que vivem em futuras Aldeias Comuns adiantaram-se organizando as suas cooperativas de consumo na tentativa de proporcionar um certo apoio na resolução do problema de abastecimento que ainda as afecta. Dizemos que ainda as afecta porque quando viviam dispersamente a sua situação era bastante pior. Hoje por exemplo, já beneficiam de apoio da distribuição de certos produtos como milho, farinha, sabão, etc.

O outro aspecto que se coloca a par da questão do abastecimento, e que é uma questão central, é a produção. A maior parte dos

camponeses das Aldeias Comuns estão agora a tentar salvar o seu ano agrícola nas suas machambas individuais.

No entanto torna-se cada vez mais saliente a tomada de consciência, de que não serão as suas pequenas machambas individuais que lhes resolverão os seus problemas, nem lhes trarão condições materiais para viverem melhor. Isto é um facto que pudemos confirmar de novo em todos os contactos que tivemos com os camponeses em Gaza.

É claro que surgem várias questões e vários problemas. E, uns ligados aos outros.

O facto de nesta altura não se poder iniciar a produção em cooperativas porque o ano agrícola vai a meio é talvez o principal problema. Ligado a este aspecto o problema de nas Aldeias Comuns viverem camponeses de diversas zonas que não podem juntar as suas terras porque elas estão fisicamente separadas umas das outras. Muitas outras pequenas questões, mas significativas e portanto de não desprezar, se colocam.

Porém todos estes aspectos se encontraram no Distrito do Limpopo o ano passado. Este ano eles na sua maior parte foram ultrapassados e solucionados—diga-se que ali eram mais graves de resolver (3). De um lado trata-se pois de estender a outros distritos a experiência do Distrito de Limpopo havendo no entanto novas condições em cada zona. De outro lado trata-se de responder o mais eficientemente possível às necessidades que os camponeses, ao iniciarem a sua vida em Aldeias Comuns tomam consciência de que têm de resolver e ultrapassar.



Trabalhadores, alguns ex-contratados, sachando os hectares com tomateiros que dentro de pouco tempo abastecerão os mercados do sul do país.